

TESTEMUNHOS





TEXTO DE CÉLIA ROSA FOTOGRAFIAS DE STEVEN GOVERNO/GLOBAL IMAGENS

OS HOMENS DO LEME

Cruzar o Atlântico, navegar na costa portuguesa ou no Mediterrâneo, fundear numa baía, mergulhar no mar alto, navegar ao sabor do vento, simular um naufrágio, abandonar o barco. A vida a bordo de um veleiro contada pelos homens do leme.

Foi no *Whatever* que José Gomes, 37 anos, cruzou o Atlântico. Fez a travessia de 18 dias sozinho. Em doca, o veleiro foi a sua residência permanente durante mais de um ano.

JOSÉ GOMES

O alegre navegador solitário

Tem apenas três anos, mas se falasse tinha muitas histórias para contar. Foi no veleiro *Whatever* que José Gomes cruzou o Atlântico, entre Saint Martin, nas Caraíbas, e os Açores. A viagem de 18 dias decorreu entre abril e maio de 2011 e ele fala da odisséia como se velejar sozinho fosse um feito ao alcance de qualquer um. «O ponto alto dos dias eram as refeições. Bifes, arroz, pizza, pão, e comia a qualquer hora. Descarregar os ficheiros com as previsões do tempo para os dois dias seguintes também era um momento solene», ironiza. «O mais difícil foi a falta de sol e energia. Durante dias, houve nevoeiro denso e tanta humidade que todo o interior do barco estava molhado. Tinha de vestir a roupa molhada e secá-la no corpo.» A solidão não o enfadou. «Durante seis dias não vi um só barco. Às vezes tinha por companhia almas negras [pássaros] e falava com elas. Todos os dias telefonava para casa, tirava fotografias e gravava uns vídeos para me divertir. Passou-se bem. O oceano não tem sereias, mas tem golfinhos e baleias. Não apanhei tempestades, não tive avarias graves, não perdi nenhuma vela e nunca fiquei sem piloto automático. E quando não há nevoeiro nem humidade a noite é linda.»

Mas, afinal, o que leva um homem a desafiar o Atlântico sozinho nas férias? José Gomes, licenciado em Marketing e a trabalhar nos serviços financeiros de uma multinacional automóvel, ri-se e diz que não sabe. «Não era esse o objetivo. Foi um acaso, as pessoas que deviam vir comigo não puderam e pronto.» Aos 37 anos, o velejador alia o conhecimento da navegação à experiência da vida a bordo. No mar e em terra. O *Whatever* já foi a sua casa, em 2008. E depois da viagem que fez em 2009, de Lisboa à Sardenha, passando pela Madeira, Canárias, Lagos, Ibiza, Maiorca, Norte de Espanha, Sul de França e Córsega. «Meti uma licença sem vencimento seis meses e parti. Quando regresssei, mantive o apartamento alugado e continuei a viver no barco. E a vida na doca parecia-me um luxo. Com a mais-valia de poder navegar umas horas todos os dias, assim que chegava ao barco.»

Três anos depois, continua a navegar, mas já não vive no *Whatever*. O veleiro está na Doca de Santo Amaro, em Lisboa, e é uma das embarcações ao serviço da Taguscruises, a empresa que criou e que oferece passeios à vela no Tejo ou na costa.



DAVID LOPES

O gestor que se diplomou no mar

Desde que saiu do grupo Jerónimo Martins para presidir ao escritório internacional da Diamond, multinacional norte-americana de marcas brancas, que David Lopes voa entre Lisboa, Nova Iorque, China, Coreia, África do Sul e América Latina. Mas, se pudesse, não voava. Navegava. A bordo do *Brida*. O veleiro que está atracado na Doca do Espanhol, em Lisboa, é o sonho de David tornado realidade. A ligação de David com o mar começou aos 16 anos, quando embarcou no *Creoula*, num programa de férias jovens. «A primeira viagem foi a Ceuta e descobri outra dimensão do mundo. Estava no navio e pensava que aquilo tinha tudo que ver comigo. No ano seguinte repeti a experiência e fui aos Açores e à Madeira.» E depois nunca mais parou.

David diz que o dia a dia a bordo lhe deu aprendizagens fundamentais para a vida profissional. «O mar ensina disciplina, rotinas, responsabilidade, liderança. E cria um espírito de entreajuda e harmonia que fortalece as relações entre as pessoas. As amizades feitas a bordo ficam para a vida.» Foi com amigos que David Lopes fez uma das viagens que mais marcas deixaram. Foi no ano passado, entre a ilha da Horta e Lisboa. «Saímos dos Açores a 10 de junho e entrámos na barra seis dias depois. Não podia ter corrido melhor. Bom tempo, boa companhia, um barco fiável, harmonia e boa comida. O nevoeiro denso que caiu a meio do percurso foi compensado pelo avistamento de uma baleia a dez metros da embarcação. Estava mesmo ali ao nosso lado. Impressionante.»

O gestor de empresas acha que Portugal e os portugueses descuram as oportunidades que o mar oferece. «Há uma grande diferença entre um país de marinheiros e um país que vai à praia. O desenvolvimento de Portugal exige outro olhar para as potencialidades da costa e para os recursos do mar. Os Descobrimientos só foram possíveis porque já andávamos no mar há trezentos anos e tínhamos cimentado relações comerciais e militares com outras praças. Não foi por acaso.»

FERNANDO SÁ

As amarras que só o mar tem

Passou a infância a brincar nos navios de guerra que atracavam na Base Naval do Alfeite, em Almada. Mas quando as embarcações partiam para o mar, Fernando Sá (à esquerda, na foto) ficava em terra. Do cais, dizia adeus ao pai, oficial da Armada, e às tripulações. E prometia a si mesmo que um dia também se faria ao mar. Assim foi. Na adolescência aprendeu vela, aos 18 anos tirou a carta de marinheiro, aos 26, comprou a primeira embarcação – um pequeno barco a motor, o *Santiago*. Uns anos depois, em sociedade com dois amigos, veio o primeiro veleiro, o *Trukas*, e a seguir o *Pato Louco*. Atualmente, ele e os sócios têm três embarcações. É aí que passam férias e fins de semana, que recebem amigos e passeiam em família. Mas não só. O gosto pelo mar e pelas velas é tamanho que, em 2010, Fernando Sá e os companheiros abriram uma empresa: «A Treino de Mar é uma escola de navegação acreditada para fazer cartas de navegação (de marinheiro até patrão de alto-mar), mas também tem uma componente de formação em vela de cruzeiro, navegação noturna e sobrevivência no mar e ainda organiza eventos e programas de *team building*, como regatas e passeios no Tejo para empresas, simulação de naufrágio e abandono de embarcação.»

Fernando Sá gosta da aliança entre os afazeres profissionais, o mar e as velas. Mas por enquanto o dia de trabalho do velejador, licenciado em Geografia e Planeamento Regional, ainda não é totalmente passado a organizar ou a praticar atividades náuticas. A sua empresa de consultoria e tecnologias da informação ainda exige alguma dedicação. Até que o sonho ganhe asas, Fernando planeia as próximas férias: «Duas semanas de mar, sempre a bordo do *Pato Louco*, e agora com uma pequena passageira.» A Leonor, a filha de 10 meses, a quem Fernando espera passar o gosto da vela e do mar. «Consegue imaginar o espetáculo que é estar no mar, ser embalado pelas ondas e desligar de tudo? Gostava de ir ao mar todos os dias. Apenas isso. Não sonho dar a volta ao mundo, mas um dia hei de fazer a travessia do Atlântico.» O sonho comanda a vida e este amarra-o desde os tempos de criança, quando acenava aos navios que zarparam do Alfeite.





JOSÉ LUÍS MENDES E ANA MARTINS

O amor é um porto de abrigo

José Luís Mendes é topógrafo e tem 51 anos. Celebrou-os há poucos dias e a festa, animada, fez-se no mar. É por lá que ele anda desde os 17 anos. Começou na vela ligeira, na praia de Algés. Também experimentou surf. E sempre que podia fazia caça submarina nas costas rochosas do Algarve. E depois havia os barcos dos amigos. Vem de longe a atracção que sente pelo mar.

Ana Martins, 31 anos, partilha com o namorado o gosto pelos barcos. Uma paixão recente – até há pouco tempo tinha pavor da água – mas tão segura que já prende cabos e ajuda a içar as velas do veleiro *Rio Maior*, comprado há menos de um ano. A jovem

fisioterapeuta diz que encontrou no mar uma serenidade que desconhecia: «É o nosso escape. Vem o fim de semana e aí vamos nós. Mergulhamos, apanhamos sol, cozinhamos, descansamos, lemos, ouvimos o ruído das ondas.»

Durante a semana, ao fim do dia e aos fins de semana, o *Rio Maior* sai da Doca do Espanhol, em Alcântara, rumo à baía de Cascais onde, por vezes, fundeia. Mas os passeios também se fazem Tejo acima: «Subimos até à ilha do Rato, vamos até à baía do Seixal ou ao Montijo. E quando temos um fim de semana navegamos até Valada do Ribatejo. A viagem demora seis, sete, oito horas, depende, mas é um passeio magnífico e a vista é maravilhosa. Dormimos no barco e no dia seguinte voltamos», diz José Luís Mendes. Quando o destino é o mar, o casal desce a costa atlântica até Sesimbra ou Troia. Outras vezes combinam almoços ou jantares a bordo e reúnem os amigos. Nessas festas Ana é a rainha: pelos medos que superou, pelos progressos que fez e porque entre as mulheres é das poucas que estão sempre prontas para uma aventura no mar. ●

José Luís Mendes e Ana Martins compraram recentemente o veleiro *Rio Maior*.